

Vivência lesbiana em Cassandra Rios: Eu sou uma lésbica

Dissident lesbian experience in
Cassandra Rios:
I'm a lesbian

Leila Pessoa Bechtold¹

Violeta Adelita Ribeiro Sutili²

¹ Artista visual. Mestranda em Artes Visuais, na área de Poéticas Visuais, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/ Minter (UFAM). Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2018). leilabechtold@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4152011770865010>

² Mestranda em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)/ Minter (UFAM), na área de concentração de Poéticas Visuais. Bacharela em Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2019). violetasutili@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/4199341189747319>

Resumo

O presente texto abarca a pesquisa sobre Cassandra Rios (1932), lésbica e escritora lesbiana de grande notoriedade para o Brasil. O contexto da maior parte de sua produção literária deu-se em período ditatorial, no qual suas obras sofreram severas censuras e perseguições. O rumo desta produção, busca refletir acerca da obra "Eu sou uma lésbica" (1980), escrita em folhetim, contando com diversas edições após este. Na produção, Flávia reconhece sua identidade de gênero revisitando seu passado e transcrevendo em tom narrativo, bem como, tudo que envolvia e envolve ser uma mulher lésbica, como a violência velada até os dias atuais. O tema homossexualidade feminina se torna âmago de todo este processo, no qual vida e obra de Cassandra demonstram fundamental relevância artístico-social. Também são apresentadas considerações quanto a escrita biográfica não-autobiografada da autora, a qual, por meio de suas produções revela sua perspectiva quanto não apenas o ser mulher, bem como sua vivência lésbica.

Palavras-chave

Cassandra Rios; Escritos lesbianos; Ditadura militar no Brasil; Lesbianidade; Produção artística LGBTI+.

Abstract

This text covers research on Cassandra Rios (1932), a lesbian and Lesbian writer of greater notoriety for Brazil. The context of most of his literary production took place during a dictatorial period, in which his works suffered severe censorship and persecution. The direction of this production, seeks to reflect part of the work "I am a lesbian" (1980), written in a serial, with several editions after this one. In the work, Flávia recognizes her gender identity by revisiting her past and transcribing it in a narrative tone, as well as everything that involved and involves being a lesbian woman, such as veiled violence until today. The theme of female homosexuality becomes the core of this whole process, in which Cassandra's life and work demonstrate fundamental artistic-social relevance. Considerations are also presented regarding the author's non-autobiographical biographical writing, which, through her productions, reveals her perspective regarding not only being a woman, but also her lesbian experience.

Keywords

Cassandra Rios. Lesbian writings. Military dictatorship in Brazil. Lesbianity. LGBTI + artistic production.

ISSN: 2447-1267

Introdução

A história apagou o nome de muitas artistas mulheres, do mesmo modo, não seria diferente no contexto literário brasileiro. Cassandra Rios, objeto deste trabalho, perpassando sua vida e obra, bem como ressoamos sobre a primeira escritora lésbica a publicar no Brasil com temáticas LGBTI+, de forma não marginal, ressignificou a vida de seus personagens em um mundo ficcional, no qual suas vivências eram representadas de forma digna e, em certos casos, utópicas.

Mesmo sendo a escritora que obteve mais obras censuradas durante a ditadura, a autora escreveu entre setenta e sete e cinco livros, desses, trinta e seis livros foram recolhidos pela ditadura militar. Apesar da perseguição recorde e olhares moralistas, a autora se tornou a primeira escritora a vender um milhão de exemplares, meta alcançada em 1970, superando diversos escritores de sua época, assim vivia exclusivamente da venda de seus livros, nunca tendo exercido outra profissão, prática rara para o seu momento.

Em obra que será entendida como uma chama entre o seu trabalho destaca-se o livro “Eu sou uma lésbica” (1980), no qual a vida de Flávia, personagem principal desta ficção, reflete por diferentes momentos de sua vida, em que a lesbianidade apresenta-se como tema central. Para entender tal obra, faz-se necessário discutir e apresentar o contexto no qual suas obras nasceram.

Em virtude do atual cenário político brasileiro, a ponte de relações políticas se correspondem de forma orgânica, entendendo assim, que é imprescindível considerar sua escrita e vontade literária contemporânea e necessária. Múltiplas interpretações nos levam a compreender que Rios simboliza em seus personagens sua vida pessoal e seus desejos, o mundo irreal no qual sua vida lesbiana e a de seus pares eram legitimados.

Camadas em vida e obra de Cassandra Rios

A datar da criação de seu primeiro romance “A volúpia do pecado” em 1948, Cassandra Rios retratou personagens com diferentes orientações sexuais em suas produções que refletem a natureza humana complexa quando em frente as suas dissidências. Suas publicações podem vir a ser gentis, amorosas, bem como violentas e maliciosas, mas diferentemente de outros textos e abordagens sobre comportamento sexual e sexualidades normativas, em sua literatura, a autora embarça suas fronteiras.

Em um dos romances mais recentes da autora, “Eu sou uma lésbica” de 1980, vem a discutir a lesbianidade tramando insurgências com a vida pessoal da própria autora que se identificava como uma. Objetiva-se analisar esta autora que discute um tema que ainda é importante para a afirmação da comunidade LGBTQI+ não apenas na literatura brasileira, como também interessante para as artes visuais. Este romance é apresentado diferentemente de outros romances anteriores de Cassandra por expor

um desejo sexual marginal como elemento que, para ela, é natural, consciente e admirável, não cairá na tragédia, ao mesmo tempo que desenvolve uma protagonista complexa e se afirma constantemente: Eu sou uma lésbica.

As circunstâncias políticas de “Eu sou lésbica” (1980), marca uma das principais diferenças dos demais romances, pois data momento em que o Brasil começava a se redemocratizar. Em abril de 1964, o Brasil instituiu um regime militar de direita, momento caracterizado por forte repressão. No decorrer dos mais de vinte anos de ditadura militar no país, o sistema de censura passou por grandes mudanças. No entanto, com a implementação do AI-5 promulgado em dezembro de 1968, a repressão atingiu seu pico. Uma vez posta, tal promulgação fechou o congresso, delegou poderes legislativos e judiciais ao então presidente, implantou um sistema de censura e proibiu a realização de reuniões políticas.

Ao tratarmos em termos de arte, o sistema de censura atingiu seu limite e muitos artistas foram forçados a se retirarem do país. Mesmo não sendo esta a situação da autora, seu trabalho esteve constantemente sob escrutínio e ela também testemunhou diversas abordagens policiais, como apresenta Hanna Korich em seu trabalho documental dedicado à memória de Cassandra, intitulado “A Safo de Perdizes” (2013). O documentário nos mostra que os trabalhos da autora já eram censurados nos anos de 1950, ainda assim, muitos de seus romances também foram sistematicamente censurados durante a ditadura da segunda metade do século XX (LONDERO, 2016).

O intervalo assimilado demonstra a extensão das represálias sofridas. Os tópicos relacionados ao sexo eram geralmente proibidos, entretanto, o sistema de censura também possuía a questão de gênero como tema específico, como nos mostra Cassandra Rios, sendo a autora mais censurada deste período. A própria autora sabia que era investigada por lidar com questões não normativas a sexualidade e, também, para além deste, pois tratava-se de uma mulher, inscrita no contexto brasileiro, que estava a falar de sexo (KORICH, 2013).

Realizamos a ressalva de que a mesma não escrevia apenas sobre relações homossexuais femininas, mas também sobre relações sexuais normativas, caracterizada dentro de uma escrita “marginal” para a sociedade de sua época. Ao ser questionada quanto o processo de censura de seus trabalhos em entrevista à Revista TPM Cassandra coloca que “Se o homem escreve, ele é sábio, experiente. Se a mulher escreve, é ninfomaniaca, tarada” (RIOS, 2001, p. 5).

Além de uma distinção clara entre o que homens e mulheres podem escrever e o que seu papel têm permissão para escrever, suas produções também trazem elementos singulares: além de estabelecer personagens femininas advindas de desejos, obsessões e fetiches, possui outro recurso existente em sua abordagem. Em suas narrativas, essas mulheres são os personagens centrais de enredo, eram capazes de se sentirem felizes e satisfeitas com outras mulheres, borrando as fronteiras da heteronormatividade. Esta é presentemente entendida sob a ótica em que:

[...] aquelas instituições, estruturas de compreensão e orientações práticas que não apenas fazem com que a heterossexualidade pareça coerente – ou seja, organizada como sexualidade – mas também que seja privilegiada. Sua coerência é sempre provisional e seu privilégio pode adotar várias formas (que às vezes são contraditórias): passa despercebida como linguagem básica sobre aspectos sociais e pessoais; é percebida como um estado natural; também se projeta como um objetivo ideal ou moral. (BERLAND; WARNER, 2002, p.230).

Cassandra Rios se apresenta como uma escritora cuja estética de vida elimina as exigências morais femininas em seus papéis (não exclusivamente ao que se diz respeito à sexualidade), assim compondo seu repertório de romances em que se atreve exibir o amor e desejo muito menosprezado e silenciado, ainda que sendo inscrita para o corredor das escritoras amaldiçoadas, de texto marginal, não permitida a circular por dar existência a temas dissidentes. Suas construções cristalizam eventos em arte cabíveis para a calcificação de suas abordagens, desde suas contemporâneas às mais atuais, sejam estas literárias ou não, pois compreende-se que, ao lidarmos com temáticas não normativas, a multiplicidade de linguagens a suas apresentações se faz interessante para nossas estratégias de resistência.

Verdade/ficção em Cassandra Rios

Cassandra Rios, nascida em 1932, ao longo de sua carreira lança mais de setenta romances sendo consagrada como a autora mais vendida nas décadas de 60 e 70 e considerada uma das primeiras escritoras brasileiras a mudar este panorama da heteronormatividade literária, o qual nos circundava e ainda se prevalece nas narrativas contemporâneas. A primeira escritora lésbica a ser publicada no Brasil se faz presente neste trabalho com a intenção de que a memória lesbiana literária permaneça viva, bem como esses conteúdos flutuem na superfície da existência presente.

O objeto aqui é cristalino, o afeto entre mulheres. Sobrepostos aos escritos de Cassandra, o afeto tenciona o momento atual político de repreensão, sendo impulsionado diante dos afetos entre as próprias autoras deste escrito, o fio condutor de trabalho, o local de correspondências diante o afeto de Rios, seu cenário, e o atual, estabelece vínculos entre o afeto lésbico no cenário artístico. Principalmente no que se diz respeito a representação homossexual na literatura, vide o ocorrido durante a Bienal do Livro do Rio, no ano de 2019, em que se determinou o recolhimento de todo material gráfico de livros com a temática LGBTI+.

Uma marca do período ditatorial diante a obra de Rios são os documentos de censura referentes ao Arquivo Nacional de Brasília, nos quais incriminam fortemente a escritora por sua escrita homoerótica, considerada perigosa em seu contexto de ditadura por escarpar da orientação sexual imposta em seu cenário político. Guiada pelas transações de memória e história, é principalmente aos arquivos públicos que Cassandra recorre para mencionar as falas que a vinculam aos signos da transgressão

e subversão de modos, onde, muitas vezes, seus relatos lésbicos (ficcionais) acabam-se tidos como pornográficos, taxados pelo rótulo de “homoerótica”, representado nos arquivos censórios, que ainda hoje suscita debates.

A palavra lésbica em suas obras propende sua forte censura, como abordado, de modo ficcional, em “Volúpia do Pecado” (1948) também conhecido sendo seu livro de estreia. Nele, a palavra “lésbica” é associada pelas personagens como relativa a um pecado, assim presente na obra:

Vinham-lhe à mente, os nomes preferidos por dona Margot atribuídos às mulheres que se amavam como elas. Curiosas, consultaram o dicionário: Homossexuais, Tríbadas, Lesbianas! Seriam elas? Queriam saber o porquê de um amor tão desnatural. (RIOS, 1948, p. 175).

Em “Eu sou uma lésbica” (1980), a palavra “lésbica” é anunciada aos quatro cantos, entende-se quase como uma autoafirmação, da palavra que já estava velada durante toda sua vida até aquele momento. Contudo, a escritora não considera suas obras autobiográficas pois a mesma a define da seguinte forma:

Não são fáceis as auto análises. E seria ridículo? O que conseguiria? Uma caricatura? Um perfil ou um autêntico retrato? Um relato de si mesma! Biografar-se? Seria trabalhoso! E as falhas da memória? E a ordem cronológica das coisas? Um exercício cansativo, enfadonho, chato, que os outros achariam chato e enfadonho! (RIOS, 1977, p. 143).

Rios, resistiu as análises de caráter biográfico como se defendesse seus segredos, seu lugar de segurança, situação inteligível pelo contexto no qual ela perpetuou suas obras, ainda havia um detalhe, embora nunca tenha assumido a sua orientação sexual ao público ou familiares, existia a assimilação as suas personagens: lésbica, depravada e pornográfica. E rebate repercutindo que é “...inútil qualquer resposta para explicar que tudo era fruto da sua imaginação e que somente quisera provar seu valor de ficcionista, sua capacidade de inventar estórias...” (RIOS, 1977, p. 104).

A autora constrói um espaço ficcional onde legitima predominantemente o amor entre mulheres, buscando dar voz a esse sujeito marginalizado e invisibilizado na sociedade. A importância dessa fenda que se abre na tradição literária brasileira a respeito destas relações entre mulheres que até então era fetichizada. A produção precursora literária de Rios, cria uma nova tradição de literatura lésbica escrita por mulheres no Brasil, que também advém da necessidade de consumo por uma literatura formalmente inexistente até 1948.

A escritora discutia em sua ficção a questão da procura pela posição do homossexual no processo social muito antes do surgimento de movimentos civis de lésbicas e gays no Brasil, o qual tem seu marco de manifestações nos anos 70. “A primeira razão pela qual toda e qualquer coisa pode ser ligada por um vínculo advém, em parte, do fato de que há nela o apetite de conservar para si sua situação presente” (BRUNO, 2012, p. 45). A materialização das palavras foi o rastro deixado por Cassandra, a garrafa jogada pela própria autora. O passado só foi ativado com

auxílio desse sujeito do futuro, que aqui se materializou na literatura da escritora invocado no fio da existência presente, trazendo a público a correspondência gerada a partir do tempo e seus fluxos. O vínculo aqui formado, procede do protagonismo de vida e obra da escritora, que mesmo sem ter base ativista LGBTI+ em sua época, fez sua voz reverberar setenta anos após seu primeiro escrito lésbico.

Eu também de igual modo quero, como uma figura que ocupa um lugar, reconhecido ou não, nas artes, reduzir a velocidade, deixar o carro na garagem, ou melhor dizendo, escrever para a época e o resto para depois – digo o resto para depois porque não posso mentir em relação ao julgamento que faço sobre minhas obras, embora aceite a proibição de Hoje conto com a liberação Amanhã, num futuro bem próximo, quando eu puder ser melhor interpretada e as novas gerações estejam preparadas para lerem-me por não assimilarem o negativismo dos outros ou pelo impulso de atacar o desconhecido prevenidos pela possibilidade de um mal – porque não escrevo para perturbar ou corromper, simplesmente a vida é que é às vezes muito feia. (RIOS, 1977, p. 55-56).

Pensando que provavelmente estamos em um século onde tudo é exposto em variadas redes sociais digitais, é importante ressaltar que o período de produção da escritora começou em 1948, suas obras percorreram momentos nos quais não existia a oferta massificada de dispositivos eletrônicos pessoais, assim, a comunicação se abastava ao vivo, nos jornais, pela tevê e rádio.

Compreende-se que seus escritos foram um modo de falar de si, mesmo que transversalmente, e buscando um mundo no qual ela queria estar, onde a aceitação e representação se fazia existente.

O papel é um espelho. Uma vez projetados no papel, podemos nos olhar com distanciamento. E a imagem que fazemos de nós tem a vantagem de se desenvolver ao longo do tempo, repetindo-se ou transformando-se, fazendo surgir as contradições e os erros, todos os vieses que possam abalar nossas certezas. É certo que só é possível viver com alguma autoestima, e o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva. Mas ele também pode ser espaço de análise, de questionamento, um laboratório de introspecção. No diário, é o autorretrato nada tem de definitivo, e a atenção dada de si está sempre sujeita a desmentidos futuros. A aventura do diário é, portanto, muitas vezes vivida como uma viagem de exploração, ainda mais que esse conhecimento de si não é uma simples curiosidade, mas condiciona a continuação da viagem: é preciso escolher a agir. (LEJEUNE, 2014, p. 304)

Eu sou uma lésbica

Embora ainda critique a sociedade em que se insere, ao escrever “Eu sou lésbica” (1980), Cassandra nos demonstra certo tom positivo, esperançoso e de

autoafirmação. Assim, reflete a situação de repensar a liberdade, uma vez que o AI-5 foi removido em 1978, a anistia foi realizada em 1979 de tal forma a contar que o processo de redemocratização no país já havia começado.

No livro, sua personagem central Flávia rememora lembranças de infância quando aos setes anos veio a se apaixonar pela vizinha Kênia que, em seguida, vêm a se deslocar da narrativa migrando para outra cidade. Além de sua memória infante, é apresentada a mulher adulta Flávia, lésbica tida como “genuína”, a qual relata os envolvimento com mulheres que veio a ter.

No romance (Figura 1), a afirmação otimista de sua sexualidade se dá de forma mais presente através da compreensão do que seria o ser lésbica como algo natural. Uma vez que se entende naturalidade como um tipo de abordagem que mostra que o desenvolvimento deste sujeito lésbico é o mesmo em que se repele a convicção internalizada na normatividade de que a lesbianidade não seria algo natural (ZIMMERMAN, 1990). Portanto, percebe-se que seu “ser natural” é fundamental para a autoafirmação de Flávia, além de ser uma importante ferramenta sociopolítica no romance.



Fig. 1, Revista Status, Eu sou uma lésbica, 1980. Digitalização de impressão em jornal. Fonte: acervo da autora.

Esta colocação se centra na perspectiva de que a lesbianidade não é advinda através de traumas, fases pessoais ou, sequer, atos de rebeldia, visão até então repetitiva as temáticas de sexo entre mulheres nas artes. Ao relatar Flávia como uma infante possuidora de paixões por mulheres, demonstra a característica lésbica como algo presente desde a infância, constituindo seu sujeito de forma, novamente, “natural”.

É através das abordagens de Flávia que o romance vem a estabelecer correspondências com aquilo que Adrienne Rich chama de existência lésbica em “Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence”. Assim, a existência lésbica constrói as características e conhecimentos das mulheres que amam mulheres, que priorizam mulheres, e as tem como sua primeira orientação erótica e emocional (RICH, 2003). Isto se torna presente quando Flávia vem a comentar a si própria: “O que eu quero afirmar é que em mim tudo é natural, consciente, vivo, espontâneo. Sou definida, autêntica, honesta, mas um tanto covarde, ainda” (RIOS, 1980, p.45).

A nos encaminharmos para considerações finais, a vida e obra de Cassandra Rios se mostra de fundamental importância à medida que se faz necessário ressoar trabalhos de mulheres lésbicas em ambientes que, ainda que com suas exceções, se posicionam como ferramentas normativas. Isto se dá, como já nos apresentou Cassandra, por diferentes questões, como seriam as de gênero e sexualidade nas quais a mulher lésbica se encontra inclusa.

Contemporaneamente, um dos mais presentes motivos pelos quais lésbicas não são devidamente representadas na história, seja esta da literatura ou da arte, se dá por conta de seu escape da lógica patriarcal e normativa. Assim, quando “lésbicas não são mulheres” (1992) é a provocação colocada por Monique Wittig, isto ocorre porque a compreensão dos papéis que cabem a uma mulher está intimamente relacionada aos seus deveres junto do patriarcado. Logo, também, aos sistemas heterossexuais, o qual mulheres lésbicas possuem a recusa de estar compondo como parte.

Não é segredo que o medo e o ódio aos homossexuais permeia a nossa sociedade. Mas o desprezo por lésbicas é distinto. Ele é diretamente enraizado na aversão à mulher autodefinida, à mulher autodeterminada, à mulher que não é controlada pela necessidade, imperativo, ou manipulação masculina (DWORKIN, 1978).

Nosso corpo social ainda se apresenta de forma heteronormativa, por meio de suas mais variadas linguagens e gestos. Tal padrão de comportamento heterossexual e hegemonicamente masculino, é construído a fim de ser preservado na vida em sociedade e sua manutenção. Uma vez que os romances heterossexuais ainda são difundidos massivamente de maneira idealizada, a obra de Cassandra Rios para a arte, e não somente, como também para a vida cotidiana é de tamanha elucidação poética e política de sua existência. Enquanto mulher pertencente a seu tempo, com manifestações linguísticas que muitas vezes não tomam nosso gosto, tomou forma a personagens que, como Flávia, nos incitam coragem e resistência mesmo que

consciente de diversas opressões sociais quanto ao ser mulher e homossexual em contexto que ainda reforça estereótipos, fetiches e atos corretivos. Nos vemos, como Flávia, até os dias de hoje.

Referências

BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (org.). **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona: Içaria, 2002.

BRUNO, Giordano. **Correspondências**. São Paulo. Editora Hedra, 2012.

DWORKIN, Andrea. **The power of words**. Massachusetts Daily Occupied Collegian, Vol. 1, No. 1, May 8, 1978.

KORICH, Hanna, realizador. **Cassandra Rios: a safo de perdizes**. 2013.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LONDERO, Rodolfo Rorato. **Pornografia e censura: Adelaide Carraro, Cassandra Rios e o sistema literário brasileiro nos anos 1970**. Eduel, 2016.

RICH, Adrienne. **Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence**. Journal of Women's History, vol. 15, no. 3, 2003, pp. 11-48.

RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Record, 1981.

_____, Cassandra. A perseguida. **Revista TPM**. São Paulo: Trip Propaganda e Editora, n.3, jul.2001. p.2-11. Entrevista concedida a Fernando Luna.

_____, Cassandra. **Censura: minha luta meu amor**. São Paulo: Global editora e distribuidora, 1977.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon, 1992.

ZIMMERMAN, Bonnie. **The Safe Sea of Women: Lesbian Fiction, 1969-1989**. Beacon, 1990.

Submissão: **21/10/20**

Aceitação: **27/11/20**